

A misericórdia na mensagem de Fátima

P. Luciano Guerra

Introdução

Em ordem a simplificarmos a reflexão, e dado que Fátima é extremamente abundante neste tema da misericórdia, proponho-me escolher, entre vários aspectos, a vivência da misericórdia pelos três videntes: Lúcia, Francisco e Jacinta. Como «viram» eles em Deus a realidade da misericórdia e como procuraram interiorizá-la e traduzi-la em suas vidas.

1- Algumas notas prévias

1.1- Admito, que não me é pedido que tente justificar aqui a *legitimidade* do termo misericórdia. De facto, a misericórdia é parente da compaixão e ambas flúem do amor. O amor é parente da caridade e de todos os movimentos que tendem a ajudar quem sofre de algum mal do qual não consegue livrar-se, de modo nenhum, ou só com muita dificuldade. No último século esses sentimentos (dons da afectividade) sofreram ataques cerrados, aparentemente derivados de duas aspirações, em parte já presentes no pecado original: a tentação prometeica da primazia e também a tentação da igualdade absoluta para que ninguém nos seja superior. Valha a verdade que algumas ou muitas vezes a misericórdia pode ter dado, e pode dar ainda hoje, a impressão de querer fazer valer a sua «necessidade» para fugir ao cumprimento de obrigações de justiça, e usufruir da auréola dos benfeitores. A deterioração da linguagem é frequente, não só em palavras que traduzem os mais altos ideais, que nunca podemos abandonar, como nos termos que sempre gostaríamos de esquecer, por traduzirem contra-valores que tentamos evitar. É fácil professar belas doutrinas, e muitos se esforçarão por lhes ser fiéis; mas sempre haverá, entre os seus praticantes, fragilidades, traições, verdadeiros crimes, que poderão pôr em causa a beleza do ideal e a viabilidade das teorias. Creio que, nesta realidade histórica da desconformidade entre a teoria e a prática, se poderá ver a tendência moderna para regular a totalidade da vida social através das noções mais concretas do dever e do direito, eliminando o recurso às energias, muito mais profundas, do amor e da misericórdia. Mas estes termos não podem eliminar-se, pelo menos do vocabulário da fé religiosa, quando se acredita que a existência temporal, e a esperança da eternidade, não podem encontrar a sua sobrevivência, se não acreditamos na misericórdia divina: Deus é o único que, tendo-nos criado no tempo, pode salvar-nos para a eternidade.

1.2- Chamo mensagem de Fátima aos gestos e palavras que os videntes de Fátima, e sobretudo Lúcia, nos apresentaram como vindas dos três ou quatro personagens celestes das aparições: um Anjo; Maria, Mãe de Jesus, sob várias denominações; São José; o próprio Jesus; Deus; a Trindade divina. E dado que as testemunhas de um acontecimento sobrenatural são em princípio pessoas especialmente escolhidas por Deus, também os actos dos videntes de Fátima podem entrar na categoria de mensagem, enquanto são dela os mensageiros, actores e tradutores por excelência. De facto a Igreja já começou a reconhecê-los como santos, dignos de subir aos altares.

1.3- Pelo que pude recordar, o termo misericórdia é empregado só duas vezes na mensagem de Fátima. A primeira aparece na boca do Anjo, quando revela aos três pequenos videntes: «Deus tem sobre vós desígnios de misericórdia». Pode entender-se primeiro como misericórdia para com os próprios videntes, que bem manifestariam em vida a sua gratidão por essa graça divina; e depois, como misericórdia para com as pessoas que viriam a aproveitar do seu testemunho. O uso dessa

A misericórdia na mensagem de Fátima

P. Luciano Guerra

palavra acontecerá uma segunda vez na última intervenção de Maria, não em 1917, e não já aos três, mas só a Lúcia. Numa visão, na noite de 12 para 13 de Junho de 1929, dominando a toda a largura um quadro complexo, que representava as três pessoas da Santíssima Trindade, estavam escritas, em grandes letras, duas palavras: «*Graça e misericórdia*». Estes dois termos parecem convertíveis entre si, e de facto exprimem tudo o que podemos esperar de Deus, no acontecimento de Fátima. Para alguém que não tem absolutamente nada de si mesmo, a começar pelo próprio facto de ter vindo ao mundo, tudo o que tem de bom é graça, quer dizer, dom gratuito; e a partir daí, tudo o que vier a ter, só o terá se lhe for dado. Particularmente a imortalidade, que vem a ser a máxima aspiração do ser inteligente. Não estando a eternidade ao alcance de um ser limitado, só por misericórdia do Ser eterno se poderá adquirir o estatuto de candidato a esse dom.

1.4- Na medida do possível, buscaremos saber como é que as três crianças conseguiram, também elas, exercer as obras de misericórdia, depois das aparições.

O mais importante estará certamente no que aconteceu em seus tenros corações, em relação com a misericórdia, e que acabou por fazer-se raiz do que podemos considerar uma certa plenitude de suas vidas. Por mais estranho que pareça a qualquer adulto, esta plenitude de vida viria a consistir na entrega, ou oferta, dos três zagai, à oração e ao sacrifício – os dois caminhos que lhes foram indicados para que os pecadores se convertessem, e assim alcançassem também eles o que os três bem perceberam ser o único caminho digno de se desejar: a felicidade, já no tempo, mas sobretudo no além-tempo, a eternidade.

1.5- Por esta redução da temática se vê que pretendo conduzir a reflexão para o que é nuclearmente religioso, e católico, a saber: do lado positivo, o Céu e a vida, ou a felicidade, eterna; do lado do mal, o Demónio, o inferno ou a infelicidade eterna. Nas crianças, o que há a notar, o que mais impressiona, é a força de convicção, decisão e acção, que a mensagem divina nelas gerou. Concedo que, tendo em conta o ambiente cultural em que a mensagem chegou até nós, e a que já aludi, a linguagem e os conteúdos chegam a parecer antiquados, medievais, mesmo de uma rudeza chocante para uns e revoltante para outros. Mas a minha tarefa é a de ser objectivo, e nisso não hesitarei.

2- A mensagem das aparições do Anjo

Antes de mais é importante a impressão de máxima simpatia e empatia que as crianças adquirem para com os personagens divinos. O Anjo, que a si se chama pelo nome significativo de Anjo da Paz, aparece por três vezes, envolvido em refulgente alvura, num esplendor de luz, que atrai a admiração, arrebatava até ao enlevo e o encanto, e provoca um prazer, uma simpatia indizível, e uma disposição para o acolhimento, natural/sobrenatural. Não admira assim que as crianças sigam docilmente os apelos e atitudes do Anjo: prostram-se por terra; adoram a Deus; fixam e repetem as orações que lhe ouvem, mesmo que no momento não cheguem a entendê-las; pedem perdão para os que não crêem; adoram a Santíssima Trindade, diante de uma hóstia e de um cálice, que o Anjo trouxe consigo; recebem a comunhão eucarística, que os dois mais novos nunca tinham recebido, e de um modo que nunca podiam ter observado; escutam e não esquecem os recados misteriosos de Deus, que o Anjo lhes envia; e nunca mais deixam de repetir, em casa, na rua, ou na igreja, com

A misericórdia na mensagem de Fátima

P. Luciano Guerra

frequência muito mais que diária, e até durante a noite, as duas orações e aqueles gestos que lhes entram no coração.

«Orai assim! Os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas ... Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios Atraí assim sobre a vossa Pátria a paz Aceitai e suportai com submissão o sofrimento que o Senhor vos enviar.» 169s.¹

Estas palavras, gestos e experiência, encerravam em si uma força englobante que não podemos facilmente entender, e que anos mais tarde a Irmã Lúcia, já adulta, tentará descrever de várias maneiras, em expressões verbais, enquanto vai contando o seu comportamento e o dos primos. Transcrevo um exemplo, acerca do que podemos chamar o sentimento dominante que as aparições do Anjo neles provocaram, logo na primeira aparição, na Loca do Cabeço: *«A atmosfera do sobrenatural que nos envolveu era tão intensa, que quase não nos dávamos conta da própria existência, por um grande espaço de tempo, permanecendo na posição em que nos tinha deixado, repetindo sempre a mesma oração. A presença de Deus era tão intensa e íntima, que nem mesmo entre nós nos atrevíamos a falar. No dia seguinte, sentíamos o espírito ainda envolvido por essa atmosfera que só muito lentamente foi desaparecendo.»*(169)

Acerca da 2ª aparição parecem-me ainda mais fortes os termos, sobretudo no uso do verbo «gravar» e do substantivo «luz», que na linguagem popular manifestam clareza, força e profundidade de uma ideia ou convicção: *«Estas palavras do Anjo gravaram-se em nosso espírito como uma luz que nos fazia compreender quem era Deus, como nos amava e queria ser amado, o valor do sacrifício, e como ele lhe era agradável, como, por atenção a ele, convertia os pecadores.»*(170)

Na terceira aparição o comentário é semelhante, talvez ainda mais acentuado, no efeito imediato de imitação e de paz, que surgia do mensageiro angélico: *«Levados pela força do sobrenatural que nos envolvia, imitávamos o Anjo em tudo, isto é, prostrando-nos como Ele, e repetindo as orações que Ele dizia. A força da presença de Deus era tão intensa que nos absorvia e aniquilava quase por completo. Parecia privar-nos até do uso dos sentidos corporais, por um grande espaço de tempo. Nesses dias, fazíamos as acções materiais como que levados por esse mesmo ser sobrenatural que a isso nos impelia. A paz e a felicidade que sentíamos era grande, mas só íntima, completamente concentrada a alma em Deus. O abatimento físico que nos prostrava também era grande.»* 171.

Estes três comentários fá-los Lúcia na quarta Memória, datada de 1941. Na segunda Memória, que ela concluíra em 21 Novembro de 1937, há uma simples, mas não menos eloquente, alusão ao efeito da primeira aparição: *«As suas palavras gravaram-se de tal forma na nossa mente, que jamais nos esqueceram. E, desde aí, passávamos largo tempo assim prostrados repetindo-as, às vezes até cair cansados.»* 78.

Se tivéssemos tempo valeria a pena tentarmos desenvolver uma reflexão acerca do termo «gravar», empregado pela Irmã neste depoimento. É um termo que nos parece mais compreensível a partir do

¹ Memórias da Irmã Lúcia, 5ª edição, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima, 15ª edição, 2007. Espera-se para o Centenário da Aparições uma edição crítica deste notável documento. Daqui por diante as notas no texto referem-se a esta obra e edição, a não ser que outra fonte seja indicada.

A misericórdia na mensagem de Fátima

P. Luciano Guerra

momento em que pudemos começar a gravar qualquer voz, sobre os vários suportes que a tecnologia nos tornou acessíveis. Antes de mais para verificarmos as dezenas, talvez centenas de vezes, em que é palpável a impressão desta *gravação*, ou seja, de um sentimento muito intenso da «*presença*» de Deus no coração das crianças. Essa presença não podia deixar de acentuar a mensagem que se lhes gravou no coração e que, pelo seu carácter único, se dirigia sobretudo a eles, e não tanto às multidões que daí a pouco afluiriam à Cova da Iria ... A própria Lúcia, interrogando-se, em 1941, sobre o «espírito de mortificação e penitência» de sua prima, tenta encontrar a explicação numa «graça especial» de Deus e na «visão do inferno» ou da «desgraça das almas que aí caem» (Cf. 122s).

Noto que, segundo esta mensagem, o sacrifício se apresenta como agradável a Deus, já que por ele se podem converter os pecadores. Há portanto várias mensagens numa única mensagem, a saber: Deus existe! Deus é luz e beleza! Deus é força! Deus é amor! Ama as crianças e ama os pecadores. Deus tem para com eles um «desejo» de conversão; as crianças, incluindo mesmo a pequena Jacinta, que então não tinha mais de seis anos, podem tornar essa conversão possível, pela oferta dos seus sacrifícios. Deus é assim a maravilhosa fonte da alegria e da paz! Da paz interior. Da paz, na terra. E na Pátria, cujos filhos morriam em terras estrangeiras. Um dos primeiros pedidos de Lúcia à celeste Aparição, logo em Maio de 1917, terá como objecto a guerra e a paz. Tudo muito perto da misericórdia que aqui nos trouxe.

3- A mensagem das aparições de Maria

No ano de 1916, mesmo depois das aparições do Anjo, as crianças estavam longe de suspeitar que essa experiência da presença/acção de Deus se iria prolongar, por seis vezes, com as aparições de Maria.

Numa análise sucinta, eis o que se me oferece dizer deste poço inesgotável, que só os grandes místicos poderão apreciar, aproximadamente. Posso parecer exagerar, mas estes pequenos videntes parecem-me comparáveis a S. Paulo; não, claro está, na idade; nem na globalidade da missão; mas sim na proximidade e intimidade com Deus. Cito a 2ª Carta aos Coríntios, 12, 2-4: «*Sei de um homem, em Cristo, que, há catorze anos - ignoro se no corpo ou se fora do corpo, Deus o sabe! – foi arrebatado até ao terceiro Céu. E sei que esse homem - ignoro se no corpo ou se fora do corpo, Deus o sabe! - foi arrebatado até ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é permitido a um homem ouvir.*» (2Co 12,2-4). Note-se bem: «arrebatado, até ao paraíso!»

Ora a Senhora da Cova da Iria, como os videntes lhe chamavam, era de uma beleza tal que ofuscava a própria luz do sol. Lúcia chega a dizer que o seu brilho suplantava a do nosso astro-rei, e que, ao regressar ao Céu, a sua luz se projectava na luz do sol (sinal de que era mais luminosa). Portanto ingredientes mais que suficientes para reforçar e encarecer a luz do Anjo da Paz. E enraizar nas crianças uma alegria «inefável» e um desejo inevitável de não sair desse «Céu».

4- A experiência de Deus

4.1- A pequena Jacinta bem prometeu à prima, logo no regresso a casa, depois da primeira aparição, na Cova da Iria, que não diria nada a ninguém: «Está descansada, não digo não.» Mas pelo

A misericórdia na mensagem de Fátima

P. Luciano Guerra

caminho, enquanto ajudava as ovelhas a apressarem o passo, não se tinha que não fosse saltitando de alegria e repetindo: «Ai que Senhora tão bonita!» Em ocasiões futuras, o apreço iria para a bondade da Senhora ... «Aquela Senhora é tão boa ...». Daí que num belo dia, em Aljustrel, em plena rua, a Jacinta, como que acordando de um sonho arrebatador, diz de repente para a prima: «Olha, não é amanhã que vamos ver aquela Senhora?»

«– É sim... Então não brinquemos mais. Fazemos este sacrifício pela conversão dos pecadores. E, sem pensar que alguém a podia ver, levanta as mãozinhas e os olhos ao Céu, e faz o oferecimento.» 56.

Apetecia-me convidar-vos aqui a ler todo o episódio. Ele é uma amostra eloquente da misericórdia de Deus, para com uma mulher que, ao beber demasiado, saía fora de si e insultava as três crianças, chegando alguma vez a bater-lhes... mas que se converteu, ao ver, espreitando, a simplicidade com que a Jacinta rezava em plena rua, sem pensar que podia ser vista.

A propósito da seriedade com que a Jacinta aceitou como vindos de Deus todos e quaisquer sacrifícios, para salvar os pecadores da morte eterna, Lúcia chega a escrever uma frase quase ou mesmo chocante: «A Jacinta parecia insaciável na prática do sacrifício.» (47) A Jacinta ficará pois, nos acontecimentos de Fátima, como a criança que, tocada pela compaixão/misericórdia para com os pecadores (cuja desgraça viveria dramaticamente no Segredo de Maria, em Julho de 1917) e ao acreditar que, oferecendo-se para sofrer, em seu lugar, os libertaria do inferno, não se poupou, não se esqueceu, não desistiu, e mais se entregou, por eles, até à morte.

Deixo-vos alguns, muito poucos, exemplos das privações que a si mesmos os três se impunham, para além das músicas e canções populares que se aprendiam nas descamisadas e serões: martírios de uma pleurisia purulenta sem os meios de que hoje dispomos; privação de pequenos mimos da natureza, como bolos, uvas e figos passados; a ausência da família, na cadeia; o martírio dos interrogatórios de toda a espécie de curiosos e críticos; o atendimento de uma chuva permanente de pedidos e casos dramáticos. E como se tudo isto não fosse já suficiente, os sacrifícios dolorosos que livremente os três combinavam fazer, culminando no uso de uma rude corda à volta dos rins. Ao ponto que Nossa Senhora achou dever instruí-los, na aparição de Setembro: «*Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda.*»(180).

4.2- O Francisco, apesar de muito mais reservado, muito mais calado, que a irmã e a prima, teria entretanto ocasiões em que não conseguia dispensar-se de expressões que, por serem menos frequentes, não eram menos eloquentes. «Quando a Jacinta, na cadeia, chorava com saudades da mãe e da família, ele procurava animá-la e dizia: “A mãe, se não a tornarmos a ver, paciência! Oferecemos pela conversão dos pecadores. O pior é se Nossa Senhora não volta mais! Isso é o que mais me custa! Mas também o ofereço pelos pecadores.” Depois, perguntava-me, continua Lúcia: “Olha: Nossa Senhora não voltará mais a aparecer-nos?” – Não sei... Penso que sim. – “Tenho tantas saudades dela!”» 147. Só se têm muitas saudades de alguém a quem se ama muito e por quem por isso se está disposto a oferecer o que for necessário, mesmo as tarefas mais dolorosas.

Não penso portanto exagerar se disser, iluminado pela minha fé pessoal na glória de Maria entre os coros dos Anjos, que, se os dois principais mensageiros celestes deixaram nas três crianças uma

A misericórdia na mensagem de Fátima

P. Luciano Guerra

impressão tão profunda, e uma imagem tão rica da glória de Deus, certamente que estas saudades do Francisco não encontram explicação noutras razões que não sejam essa mesma esplêndida novidade, que aos três transformaria totalmente as suas tenras vidas.

E aqui, e passando adiante de tantas «pérolas» que nos encantam nas Memórias, em que nos vimos apoiando, será o momento de voltar a recordar a tal *impressão, ou gravação*, que tanto o Anjo como Nossa Senhora deixaram no coração das crianças e que, penso, terá sido o fundamento último da sua correspondência, na oferta (misericordiosa!) de orações e sacrifícios pela eterna salvação dos pecadores. Podemos tentar imaginar que ideia, ou, muito mais do que isso, que experiência, estas crianças puderam gozar acerca do próprio Deus, que visivelmente eles tomaram como a origem última das aparições; e que acaba também por ser a razão única capaz de explicar que os três inocentes tenham passado pelos maiores sofrimentos sem sentirem - mas pelo menos sem consentirem - qualquer tentação acerca da bondade, e portanto, da existência do próprio Criador. Esta tentação, que não é rara, quando aceite, é o último, o supremo mal, a que pode sucumbir a humana fragilidade. Digo-o porque estou convencido de que não há outro sentimento possível para uma tal pessoa, que não seja a solidão mais radical: não saber, pensar que não sabe, ou nem querer saber, donde veio, para onde vai, e onde pode encontrar solução para o seu mal mais total: a morte. Sei que estou a falar de crianças, e a teorizar uma experiência (a experiência da solidão, da pobreza e, sejamos claros, da miséria humana) que elas sentiram, mas sobre a qual seriam então incapazes de reflectir.

Assim, *acerca de Deus*, enquanto fonte única e última da felicidade, o Francisco é, ao que ousou admitir, a melhor testemunha dentre os três. Ouvia menos do que a irmã e a prima; mas eu creio que via mais, talvez muito mais. Desde a aparição do Anjo lhe saíam da alma perguntas frequentes acerca do que Lúcia lhe ia transmitindo: «Quem é o Altíssimo? Que quer dizer: Os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas?» (139). Ou então, a seguir à 2ª aparição de Maria, em Junho de 1917: «Para que estava Nossa Senhora com um coração na mão, espalhando pelo mundo essa luz tão grande que é Deus?» (143) De qualquer modo, nas primeiras manifestações, era a figura do Anjo que retinha unicamente a sua atenção, uma vez que, não ouvindo nada, só podia ter o relato das palavras, pela prima e pela irmã. A Jacinta dizia destas aparições: «Não sei o que sinto; já não posso falar, nem cantar, nem brincar, e não tenho força para nada. – Eu também não, respondeu o Francisco. Mas que importa? O Anjo é mais bonito que tudo isso. Pensemos nele!» 140. Uma criança – três crianças, entre seis e os nove anos - encantadas até ao êxtase com a beleza de um Anjo, gravada em seus corações!

Era no que ele podia mais concentrar-se: na imagem que a vista lhe proporcionava, e na experiência e fundo interior que o todo lhe deixava. E é isso que dele nos relata a prima, a única pessoa que, já adulta, melhor podia traduzir o que me parece ser o verdadeiro *cume* da revelação de Deus aos três, em Fátima.

Na quarta Memória, datada de Outubro de 1941, cuja primeira parte dedica precisamente a seu primo, a Autora procura relatar, ao seu modo - sempre muito curto e muito incisivo - o essencial do que Francisco viu e viveu ao longo das seis aparições de Maria. Ora acontece que, para estímulo da nossa reflexão, em quatro dessas aparições se deu um fenómeno que, como digo, penso merecer o primeiro lugar entre todas as experiências sobrenaturais das crianças.

A misericórdia na mensagem de Fátima

P. Luciano Guerra

Começo por transcrever, do relato da 1ª aparição, a parte mais íntima e pessoal, que começa pela seguinte interpelação de Maria aos três: «*Quereis oferecer-vos a Deus, para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido, e de súplica pela conversão dos pecadores? – Sim, queremos. – Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.*» (82).

«Foi ao pronunciar estas últimas palavras (a graça de Deus etc.) que (Maria) *abriu pela primeira vez as mãos*, comunicando-nos uma *luz tão intensa*, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito, e no mais íntimo da alma, fazendo-nos² *ver a nós mesmos em Deus*, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos. Então por um impulso íntimo, também comunicado, caímos de joelhos, e repetíamos intimamente: - “Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo, no Santíssimo Sacramento.”» 174.

Afinal, que é que viram as crianças neste abrir das mãos de Maria, que lhes infundiu uma luz tão íntima? Respondo com um pequeno e precioso «fioretto» que Lúcia coloca na boca do seu primo: «Um dia disse-me (o Francisco): “Gostei muito de ver o Anjo, mas gostei ainda mais de Nossa Senhora. Do que gostei mais foi de *ver a Nosso Senhor*, naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. *Gosto tanto de Deus!* Mas Ele está tão triste, por causa de tantos pecados! Nós nunca havemos de fazer nenhum.”» (141).

Citei a frase até ao fim, sabendo que não terei tempo para uma consideração aprofundada acerca do pecado, como ofensa a Deus, e como expressão máxima do mal, mas também como ocasião da misericórdia divina. De facto, na mensagem de Fátima, é o pecado e só o pecado, que introduz no mundo as desgraças do mal, as quais vão terminar no abominável mal do inferno. Do qual só pela grande misericórdia de Deus e participação crucificada dos justos, poderemos escapar: «Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz dia a pós dia, e siga-me.» (Lc 9, 23).

5- O Céu e o Inferno

No seguimento das aparições do Anjo, o essencial, no referente ao acontecimento único da luz, vai continuar em quase todas as aparições, e acompanha a experiência positiva, íntima, inesquecível, e determinante, de toda uma vida de oferta do sofrimento, pelo único bem que vale todas as penas, o bem do Céu, a vida eterna: a própria, e a dos irmãos pecadores.

Falando do Céu, introduzo a primeira grande razão, depois de Deus, para que as crianças se enchessem de misericórdia para com pecadores. A modo de introdução recordo uma frase lapidar do já citado S. Paulo: «Estou convencido de que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que há-de revelar-se em nós.» (Ro 8, 18). De notar, a expressão «estou convencido», que o Apóstolo, ou nunca usa ou não costuma usar, e que pode significar a consciência clara de estar a proferir uma afirmação para ele fundamental, mas para muita gente, de difícil aceitação.³ Por este e por outros testemunhos bíblicos se percebe que, à luz do Céu, ou da vida

² Ler: «nos fez» ou «fazia». Lúcia comete noutros lugares esta falta, devida à atracção dos verbos anteriores e ao balanço da narração.

³ Para um conhecimento menos genérico da incrível vida sofredora deste Apóstolo e da convicção, experiencial do que aqui confessa, poderá ler-se o capítulo 11 da Segunda Carta aos Coríntios.

A misericórdia na mensagem de Fátima

P. Luciano Guerra

eterna, a fé cristã, ao contrário do que pensam os materialistas, e precisamente porque percebe o valor da cruz, é a negação radical do masoquismo, um sentimento auto-destruidor, só possível em quem deixou de acreditar, e não acolhe o dom de oferecer-se a Deus, como se ofereceu o seu próprio Filho Unigénito, feito Homem, na nossa carne. São Paulo confessa que chega a chorar, ao lembrar-se dos cristãos que, presos às coisas da terra, «são, no seu procedimento, inimigos da cruz de Cristo.» (Filp 3,18). Estas reafirmações do essencial do cristianismo, contêm um conjunto de afirmações, princípios e realidades que têm de pressupor a soberania divina de Deus Criador, mas também a decisão misericordiosa do mesmo Deus de, através da Cruz, salvar a humanidade do seu pecado, e das suas consequências mortais. Já aqui, no tempo, e depois na eternidade. Este é porém um programa que Ele pede, e exige, seja reconhecido, aceite e participado, por cada ser humano, que atingiu a graça do limiar, ou seja, da fé, com tudo o que ela traz consigo. A plenitude da Redenção está no Céu, que é a pátria de Deus. E por isso o essencial da mensagem misericordiosa de Fátima não podia terminar senão aqui: no fim finalíssimo, na oferta da entrada no Céu, que é a Pátria de Deus. De modo que, só captando o lugar do Céu e de Deus como fonte, inesgotável e eterna, de felicidade, é que poderemos aceitar as aporias da mensagem de Fátima, quase todas concentradas no «escândalo da Cruz», que já fazia tanta dificuldade aos primeiros cristãos. Aliás os próprios teólogos – e não só, ou talvez mesmo mais, o comum dos mortais – tiveram, ao longo dos últimos vinte séculos, de enfrentar o problema do mal e as dificuldades da solução que a Encarnação de Deus lhes oferece: escolher a ressurreição e a vida eterna ou, em caso de obstinada resistência aos avisos e graças do Criador, tornar-se réu da sua própria desgraça, também ela eterna. A esta luz não deixa de ser surpreendente que, logo na terceira aparição, Maria tenha ensinado uma jaculatória onde se pede a Deus: »livrai-nos do fogo do Inferno«. E tal jaculatória era para ser dita por quem rezasse o terço, ao fim de cada dezena, e todos os dias! Sabendo a Aparição que logo no dia seguinte a pequena Lúcia daria conta dessa fórmula ao pároco, e já que todos temos uma certa tendência par encontrarmos soluções mais «razoáveis» acerca da sorte eterna dos pecadores empedernidos, é caso para nos intrigarmos com tal insistência materna.

Não me façais perguntas sobre pormenores, que também posso não conseguir responder. Por um lado bem me agradaria o caminho do grande Orígenes cuja teoria encontrou eco entre alguns teólogos, a qual dá pelo nome de *apocatástase*⁴. Por outro lado tenho muito receio de que, negando o Inferno, tenhamos de negar também o Céu e a própria liberdade humana; e com isto, a única saída que pode dar sentido à vida. Ou seja, a não ser que nos resignemos a professar um materialismo radical, de um mundo ainda mais absurdo, ou misterioso: sem Deus e sem sentido, porque sem continuação. A continuação é condição necessária para o sentido. Mas se a continuação final fosse infalivelmente positiva, onde estaria a liberdade, a obrigação, a responsabilidade, e o respeito?

Afinal qual foi a verdadeira fonte das verdadeiras paixões dos pequenos zagais de Fátima? Uma boa parte das pessoas, mesmo algo informadas, achará que foi o medo, o pecado, o mal, a guerra, a ameaça do inferno. Ao ponto de os pobres pequenos converterem tudo isso numa ocasião, ou numa necessidade, para oferecerem o próprio sofrimento, numa tentativa de resignada redenção, pelo apaziguamento da severa e irada justiça de Deus. Mas uma leitura atenta, que não estará nunca

⁴ «Restauração universal, no fim do mundo, com a purificação de todo o mal da criatura, mesmo dos demónios e dos condenados, erro que foi condenado pelo Concílio de Constantinopla II.» (Dicionário da Língua Portuguesa, 5ª ed., Porto Editora. O Concílio teve lugar em 553.

A misericórdia na mensagem de Fátima

P. Luciano Guerra

suficientemente feita, tem de atinar com uma realidade muito mais séria e consistente: Deus, o seu Céu e também, ocasionalmente, o inferno. Não digo que tudo o mais em Fátima seja accidental. Nem o Anjo nem Maria, nem o seu Imaculado Coração, são accidentais! Mas digo que quem não estiver muito atento, pode não passar da periferia, e não descobrir o fundo da mensagem.

Tentemos então, aqui também, descobrir, entre as centenas de episódios, que as Memórias nos contam, este fio condutor, que melhor chamaremos um verdadeiro cabo axial, de todo o comportamento, e portanto de toda a fé, esperança, caridade, adoração, oferta e misericórdia, dos três videntes.

Lúcia não fala de si mesma, por uma humildade que a leva ao escondimento, e não só à mera discrição. Também não escreveu como exercício académico, acerca da Escatologia, Filosofia ou Teologia dos últimos princípios e fins. Lúcia descreve factos, cenas, ditos e narrativas, geralmente muito curtas, que têm toda a aparência, e penso que realidade, de sinceras e verdadeiras. Ora nesses escritos, de que se conhecem umas centenas de páginas, não hesitarei de modo nenhum em dizê-lo, o primeiríssimo lugar é ocupado por Deus e pelo Céu.

A Irmã Lúcia só em 1941 entendeu ter chegado o momento oportuno para publicar o famoso Segredo de Fátima, 1ª e 2ª partes. Tinham passado 24 anos sobre o 13 de Julho de 1917. Nesse dia de luz, possivelmente a pequena Jacinta, talvez por ter sentido, como em 13 de Maio, que «tinha uma coisa cá dentro que não me deixava estar calada», terá dito a alguém que Nossa Senhora lhes tinha confiado *um segredo*, que não podiam revelar. Duas coisas clamorosas continha o segredo, entre outras que o não eram tanto: a vista do inferno e a revelação de uma possível segunda guerra mundial. Comentário pessoal da vidente acerca da vista do inferno: «Esta vista foi um momento, e graças à nossa boa Mãe do Céu, que antes nos tinha prevenido com a promessa de nos levar para o Céu⁵. Se assim não fosse, creio que teríamos morrido de susto e pavor⁶.» (121) Lúcia era dos três, ao que penso, a mais «equilibrada» sob o ponto de vista temperamental. O Francisco, que não deixava de manifestar profundos sentimentos de simpatia e compaixão para com as pessoas, e os animais, gastava mais tempo na reflexão, ao ponto de, por e para isso, preferir rezar sozinho (mas não gostava de pensar no inferno!). A Jacinta era de uma sensibilidade extrema, gostava muito da prima, dançava, cantava (os três eram músicos!) encantava-se com as flores, sofria muito com o sofrimento alheio, mas, talvez pela idade, ainda não tinha posições serenas sobre as coisas. Note-se porém que Lúcia relata umas quantas perguntas da primita que a deixavam embaraçada, e pelas quais se infere que, nisso de gostar de pensar, tinha a Jacinta algumas parecenças com o irmão, que aliás nisso se parecia com o pai. Lúcia, porém, era a mulher completa, de que falam os livros sapienciais. Serena, paciente, reflectida. Se recorda, a propósito da visão do inferno, a promessa de Nossa Senhora de que os levaria para o Céu, é porque não só guardava essa promessa na sua memória, mas também porque fizera dela motivo de comportamento para toda a vida. Ou seja: esta promessa foi uma das pedras angulares do seu edifício espiritual. Que não seria nada fácil ao longo dos atormentados

⁶ Os teólogos procuraram indagar que significado atribuir ao termo «fogo» que Jesus usa várias vezes para caracterizar o inferno, e que na revelação de Fátima continua a aparecer como a imagem mais apropriada. Alguns teólogos chegaram a defender que o «fogo» deveria ser tomado no seu sentido material. Mas o Catecismo da Igreja Católica diz simplesmente: «A doutrina da Igreja afirma a existência do Inferno e a sua eternidade.» (nº1034)

A misericórdia na mensagem de Fátima

P. Luciano Guerra

tempos da sua vida, a começar com a incredulidade de sua mãe, o prudente cepticismo do pároco, e a sectária perseguição do administrador do concelho.

Assim não admira que, tanto ela como os seus primos, evocassem com frequência, nos momentos de tribulação e tentação, essa promessa do Céu.

Aliás, o Céu, e portanto o destino dos homens sobre a terra, e para além da Terra, fora historicamente o objecto da primeira resposta de Nossa Senhora à primeira pergunta de Lúcia, na primeira aparição, em 13 de Maio de 1917: «De onde é vossemecê?» Resposta da Senhora da Azinheira: «*Sou do Céu*».

Como para Deus não há acasos, é legítimo ver nesta primeira pergunta, e na primeira resposta, um plano, uma intenção divina, que põe o Céu como origem, centro e razão primeira, das aparições de Fátima. Depois de saber que a esplendorosa Senhora vinha do Céu, pergunta a vidente: «E eu também vou para o Céu? E a Jacinta? E o Francisco? Ouvido um tríplice sim, Lúcia ousa tentar saber mais sobre este assunto, que nitidamente tem como primordial: «E a Maria das Neves? ... E a Amélia? ...» Vistas realmente bem as coisas, os factos e os ditos, o Céu é tema fundamental. O Céu é o fim. Que em qualquer religião só tem sentido com Deus no princípio, meio e fim; e em cristianismo, com a Santíssima Trindade. Deus e Céu em eternidade, que é também princípio e fim - do tempo, e portanto, dos problemas - culminado na felicidade, que é o último sentimento, de plenitude, na história de qualquer ser humano. Na sua alma, Lúcia percebia isso mesmo: o valor último da eternidade com Deus. Por isso são tão frequentes os episódios e as conversas que entre os três evocam o Céu e a tal primeira promessa da Senhora, tão solene para todos eles, como as promessas do próprio Deus ao longo da Bíblia, as promessas de que eles já tinham ouvido falar, e que assumiam importância de fundo até já em suas tenras vidas. A eternidade terá sido assunto de interrogações da Jacinta à prima, logo a seguir no início das aparições marianas. (46). Qualquer concordância ou vocabulário bíblico pode apresentar dezenas, ou mesmo centenas de lugares a indicar a eternidade, embora nem sempre em sentido metafísico.

A Jacinta, já muito atingida pela doença e sabendo por Nossa Senhora que, depois do hospital, em Ourém, teria de ir para outro, em Lisboa, viveu nos últimos meses o pavor do morrer sozinha. Chorava ela, abraçada à prima, em lágrimas de pavor: «*Nunca mais* te hei-de tornar a ver?! Nem a minha mãe? Nem os meus irmãos, nem o meu pai? *Nunca mais* hei-de ver ninguém?! E depois morro sozinha!

«- Não penses nisso - lhe disse eu.

«- Deixa-me pensar, porque quanto mais penso, mais sofro, e eu quero sofrer por amor de Nosso Senhor e pelos pecadores. E depois não me importo! Nossa Senhora vai-me lá buscar para *o Céu*.» 62.

Muito parecida, mas bem diferente também, é a despedida do Francisco. Sigo aqui a quarta Memória. «Na doença, o Francisco mostrou-se sempre alegre e contente. Às vezes perguntava-lhe:

A misericórdia na mensagem de Fátima

P. Luciano Guerra

«Sofres muito, Francisco? – Bastante, mas não importa. Sofro para consolar a Nosso Senhor; e depois, daqui a pouco vou para o Céu!» (162).

A expressão «*consolar a Nosso Senhor*» que se torna frequente como um refrão na linguagem do Francisco, merecia também um parágrafo, nesta meditação sobre a misericórdia (de Deus para com os homens; dos homens para com Deus; e dos homens para com outros homens). Consolar é, no catecismo, a obra de misericórdia que procura dar alegria aos que estão tristes.⁷ Podemos evocar aqui o programa que o Papa Francisco lançou, ao ponto de estabelecer este Ano jubilar extraordinário para que a Igreja inteira melhor reflecta, e ore, sobre um tema tão actual. Sem esquecer que foi Jesus quem apontou a misericórdia como merecimento de bem-aventurança, ou seja, de felicidade e de Céu (Cf. Mt 5,7). Mas é importante registar que «consolar a Deus» também fora uma expressão exortativa do Anjo de Portugal na sua terceira aparição: «*Tomai e bebei o corpo e o Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus.*» O Francisco achava, na visão mística já apontada, que Deus estava «tão triste». Já de Nossa Senhora Lúcia dizia que habitualmente Ela apresentava um rosto «sério», enquanto, por duas vezes tomou «um ar mais triste». Numa aparição em Pontevedra, Jesus Menino, suspenso numa nuvem luminosa, ao lado de Nossa Senhora, dirigiu-se à vidente, nestes termos de ternura, compaixão e súplica: «*Tem pena do Coração de tua Santíssima Mãe, que está coberto de espinhos, que os homens ingratos a todo o momento Lhe cravam, sem haver quem faça um acto de reparação para os tirar.*» (192).

Talvez por influência da mensagem de Fátima, ultimamente se tornou frequente o interesse pela pergunta: Será que Deus sofre? Ou pode mesmo sofrer? E portanto, será que Ele agradece ser consolado?

Dar uma resposta simplesmente positiva parece algo ligeiro, mesmo que fundada em muitos lugares bíblicos. De facto, será que o próprio Cristo, que é Deus e já vive no Céu, ainda pode precisar de misericórdia, de ser consolado, ainda por cima pelos homens e mulheres, os únicos que poderão provocar a sua tristeza? Continua aberta esta questão, da tristeza como da alegria de Deus, a qual é velha pelo menos como a Sagrada Escritura, mas que na teologia há muito parece ter recebido a única resposta satisfatória, a do carácter antropomórfico, analógico, de todo o discurso humano acerca de Deus. Não tendo outro instrumento que não sejam as nossas experiências sensoriais para falar de Deus, temos de aceitar que toda a transgressão da sua lei pelos homens é uma ofensa, e que a ofensa provoca ou a tristeza - neste caso, de quem ama e quer recuperar o ofensor - ou o ódio de quem decide aceitar a inimizade e afastar-se do transgressor. Na certeza de que a ambas as partes essas situações fazem sofrer. Que admira então se, mesmo falando do Deus único, que é por definição impassível, recorreremos à linguagem do sentimento e da dor, como da alegria? Ou seja: para que o pecador compreenda melhor que tem de procurar «recompensar» Deus pelos pecados, tristeza e ira, que vão obrigá-Lo a aplicar-lhe a necessária pena, Ele, Deus, dirige-se ao pecador, e aos amigos, com as expressões que são comuns entre os humanos. Mas isto foi mais um parêntese...

Retomo então o tema da morte do Francisco, porque também nele o lugar do Céu é essencial. «Nas vésperas de morrer, disse-me: Olha, estou muito mal, já me falta pouco para ir para o Céu.

⁷ - Consolar, na raiz latina, parece apontar para *estar com*, fazer companhia ao que está só (cum+solo?).

A misericórdia na mensagem de Fátima

P. Luciano Guerra

«– Então vê lá: não te esqueças de lá pedir muito por os pecadores, por o Santo Padre, por mim, e pela Jacinta.

«– Sim, eu peço. Mas olha: essas coisas pede-as à Jacinta, que eu tenho medo de me esquecer, *quando vir Nosso Senhor*. E depois, antes O quero *consolar*.» 162.

Esta resposta - que nem um adulto facilmente inventaria, sem a tal experiência que só aos místicos é concedida – dá-nos um retrato perfeito, e certamente surpreendente, de uma verdadeira paixão, que se crê ser a essencial: a paixão de Deus, da sua bondade, do Céu que Ele quer dar, mesmo aos maiores pecadores, livrando-os do inferno; mas também, por normal consequência, a paixão pela oferta voluntária de todos os sacrifícios que possam «consolar» Deus, e assim livrar os pecadores do castigo.

Neste caso, as crianças exerceriam a sua misericórdia, ao mesmo tempo, para com os pecadores e também, estranhamente, para com Deus. Dos primeiros usufrutuários da misericórdia - os pecadores - encarregou-se mais a Jacinta; de Deus, que também pede misericórdia, porque «está triste», encarregou-se mais o Francisco.

Mas, atenção, que Fátima não é um refúgio de espiritualistas em mal de esquizofrenia. Lendo, mesmo despreocupadamente, as Memórias da Lúcia, não será difícil observar muitos casos em que as crianças se compadecem, e intercedem, e se sacrificam, por todo o género de pessoas em necessidade, que se lhes dirigem, para que peçam a Nossa Senhora por elas.

6- Ainda os sacrifícios

Mas como sacrificar-se? Esta questão aflorara já na segunda aparição do Anjo. De facto desde o início, a mensagem do Anjo procura inculcar um amor de misericórdia para com os pecadores: «Meu Deus ... peço-vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam.». Esta mensagem explicita-se mais claramente numa exortação da segunda aparição: «*Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios*». E quando então Lúcia pede que lhes explique como hão-de sacrificar-se, o Anjo, mais que explicar o como, certo de que eles o descobririam, responde: «*De tudo o que pudesdes, oferecei a Deus sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido, e súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim sobre a vossa Pátria a paz.*» A paz! Eis um favor que vinha apurar, se fosse necessário, o valor do sacrifício: o valor que, em tempo de guerra, a Primeira Grande Guerra, as três crianças bem percebiam como o mais precioso que poderiam esperar, da boca de um mensageiro do Deus Altíssimo.

Algum tempo depois, na terceira aparição do mesmo Anjo, novamente na Loca do Cabeço, concretiza-se esta oferta sacrificial, já não em quaisquer sacrifícios directos das crianças, mas no sacrifício da Eucaristia: «*Santíssima Trindade ... ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo ... em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E ... peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.*» Fátima estava assim destinada a ser não só um santuário mariano, mas também um santuário da adoração à Santíssima Trindade, diante da Santíssima Eucaristia. Bem o compreenderam os pequenos pastores, que fizeram da comunhão um dos seus grandes desejos, e da adoração a sua permanente postura. (79).

A misericórdia na mensagem de Fátima

P. Luciano Guerra

Seria útil percorrer ainda, mesmo ligeiramente, os escritos da Irmã Lúcia para completar o inventário das dezenas de diferentes sacrifícios que os videntes conseguiram descobrir. Por misericórdia. Mas deixemos essa tarefa para algum voluntário anónimo.

Conclusão

Em jeito de conclusão, seria agora ainda tempo para observar se os videntes de Fátima sentiram, em seus tenros corações, a inclinação própria para *as catorze obras de misericórdia*, que a fórmula clássica do catecismo enumera. Dispensamo-nos porém dessa tarefa. Quando se atinge uma íntima e persistente aproximação a Deus, como aconteceu com os pequenos pastores, o amor divino não pode deixar de abranger todas as criaturas que Ele ama, e portanto é impossível não estender-se a qualquer pecador, e a qualquer significativa carência, mesmo de ordem temporal. Os videntes de Fátima, cultivando o espírito de oração, nas formas e meios que o Anjo e Nossa Senhora lhes inculcavam, abriam o coração a toda a gente. Por isso, e sem pensar nessa força interior, é que as recomendações de Lúcia aos dois primos, quando estavam para partir desta vida, envolviam todo o género de pessoas.

«Que vais fazer no Céu?» perguntou Lúcia à primita Jacinta, quando estava iminente a partida para o Hospital de Lisboa.

«- Vou amar muito a Jesus, o Imaculado Coração de Maria, pedir muito por ti, pelos pecadores, pelo Santo Padre, pelos meus pais e irmãos, e por todas essas pessoas que me têm pedido para pedir por elas.» (62-63). Quem ama por amor de Deus não traça fronteiras ao amor, como Deus também as não pode traçar.

Se perguntássemos ainda em que ponto andavam as preocupações sociais que hoje talvez gostássemos de ler nas recomendações do Céu aos três pequenos, direi que, para além da guerra, dos pecadores, dos muitos doentes que logo apareceram, e dos pecadores que todos somos, temos que indicar os pobres que sofriam da primeira de todas as pobreza, a do pão. Que fizeram por eles os Pastorinhos? Sem teorias pré-concebidas, sem grande abundância para distribuir, e sem saber que um dia andaríamos nós a fazer-lhes estas perguntas, responde Lúcia da seguinte maneira: «A Jacinta tomou tanto a peito os sacrifícios pela conversão dos pecadores, que não deixava escapar ocasião alguma. Havia umas crianças, filhas de duas famílias da Moita, que andavam pelas portas a pedir. Encontrámo-las, um dia, quando íamos com o nosso rebanho. A Jacinta ao vê-los, disse-nos: “- Damos a nossa merenda àqueles pobrezinhos, pela conversão dos pecadores?” E correu a levá-las.» (46-47). Mas pela tarde a Jacinta sentiu fome. Então o Francisco «subiu a uma azinheira para encher os bolsos; mas a Jacinta lembrou-se que podíamos comer da (bolota) dos carvalhos, para fazer o sacrifício de comer a (bolota) amarga. ... A Jacinta tomou este por um dos seus sacrifícios habituais. Colhia as bolotas dos carvalhos ou a azeitona das oliveiras. Disse-lhe um dia: - Jacinta, não comas isso, que amarga muito. – Pois é por amargar que o tomo, para converter os pecadores.» (47).

O Anjo e Maria pedem às três crianças que «reparem» pelo mal que o pecado provoca nos pecadores, no tempo e sobretudo na eternidade. Oferecendo-se a Deus, em resposta a este seu apelo, os videntes realizaram uma perfeita compreensão da misericórdia para com todos os pobres,

A misericórdia na mensagem de Fátima

P. Luciano Guerra

e especialmente os «pobres pecadores». Só porém para com os pecadores que reconhecem o pecado como uma pobreza, e mesmo uma miséria. Só eles podem ser capazes de aceitar que a miséria do pecado é uma condição essencial a toda a humana natureza. Só eles podem acreditar que, pela misericórdia de Deus - e através da cruz, que com Cristo todos são convidados a carregar, todos os dias - é possível aceder à plenitude da vida eterna.

Mas mais: que essa plenitude exige a dor do mal e a coragem da emenda.

Tal como acima as primeiras, também as últimas palavras de Maria, a treze de Outubro de 1917, são sintomáticas do essencial que a trouxera à Terra: *«É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados. Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor, que já está muito ofendido.»* 181.

A misericórdia de Deus e dos homens atinge o seu ponto de realização no regresso à regra de ouro, que consiste na busca e no encontro de Deus, fonte da Verdade e do Bem, Alfa e Ómega, Criador e Salvador. Assim se entende a frase lapidar do Vaticano II: *«A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus.»* (GS 19).